



1

**AMORES**

Eu amo as morenas de negros cabelos,  
De perna nervosa, de pé andaluz;  
Eu amo as morenas, seus olhos tão bellos,  
Seus olhos ardentes de lubrica luz.

São bellas as brancas, são lírios nevados...  
Oh! palidas rosas, oh! louras huris!  
Aereos sorrisos nos labios corados...  
Sois lindas, ó fadas, mimosas, gentis!

E uns olhos castanhos num rosto fagueiro,  
E os verdes, os olhos que amava Garrett?  
Se acaso escolhesse qual punha primeiro?  
A branca? a morena? mais linda qual é?

Sou doido por todas, ó meigas donzellas,  
Eu amo-vos todas, ó vividas flores!  
Matae-me, formosas, ardentes estrellas,  
Matae-me na chainma dos vossos amores!...

Guerra Junqueiro.

**VISITA Á FLORESTA**

Que frescura, meu Deus, e que deslumbramento!

Sancho Pança, vae pôr a albarda ao teu jumento,  
E conduze-o depressa aqui para eu montar.  
Embededa-me o azul, o ceo, a terra, o mar!

Descalcem-me o coturno heroico da epopeia.  
Não sei que colovia olimpica gorgeia  
Dentro de mim; não sei que hilaridade é esta!...  
Satura-me o vigor profundo da floresta,  
E debaixo do azul purissimo, sem nuvens  
Sinto-me transbordar, como um titan de Rubens,  
N'uma explosão de força atletica, purpurea!  
Entra-me nos pulmões a latejar com furia  
Este excesso de vida immensa que atordôa!...

Dae-me um thyrsos virente e uma merenda boa  
E entremos atinal nas solidões da mata.  
Leva-me tu, Virgilio, o burro pela arreata.  
O' bosque, ha quanto tempo aqui não tinha estado!  
Então como vaes tu? como é que tens passado?  
Oh! deixa-me abraçar o grande castanheiro!

3

Não te lembras de mim? Eu sou Guerra Junqueiro,  
Meu amigo... olha bem... Já te não lembras, não!  
Ha que annos que isso foi, meu velho! Eu era então  
Um diabrete, o maior de todos os madraços,  
Que aqui vinha saltar, brincar, trepar-te aos braços,  
Roubar-te — ladrão angelico, infantil —  
As castanhas no inverno e os ninhos em abril.  
Vingavas-te de mim rasgando-me os calções,  
E fazendo-me dar ás vezes trambulhões,  
Que o mestre me curava então com palmatoada.

.....

Como o sol entra aqui a rir ás gargalhadas,  
E como a natureza é virginal e é pura!  
Eu sinto uma effusão ingenua de ternura...  
Como isto dá saude e moralisa a gente!  
Quasi que chego a ter os extasis d'um crente.

Dá-me vontade de ir subindo essas encostas  
Ajoelhado, a beijar a terra de mãos postas!

Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,  
Ser perfume no lírio e ser vigor na fera,  
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em cores,  
Semear-me e nascer todo o meu corpo em flores,  
Com as aguias voar no oceano do infinito,  
Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,  
De fórma que eu andasse em atomos disperso  
No ceo, no mar, na luz, na terra — no universo!...

.....

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,  
Entre a vida brutal das arvores gigantes  
Levantando ao azul os pulsos seculares,  
Entre as vegetações frescas de nenufares,  
De catos, de jasmims, de silvas, de roseiras,  
De serpentes em flor — isto é, de trepadeiras,  
A crescer, a romper da terra funda, escura,  
Debaixo d'esta rica egreja de verdura,  
Furada por a luz cruel do sol faminto,  
Ó natureza, ó terra, ó minha mãe! eu sinto,  
Sinto bem que nasci do teu enorme flanco,  
E que o homem e o figre e o cedro e o lírio branco  
São filhos a quem dás de mamar no teu seio  
Eternamente bom e eternamente cheio!

GUERRA JUNQUEIRO.

4

Ao baterem na rocha em turbilhões de espuma.  
A minha mocidade um plantano frondente  
Onde vinham cantar á noute os rouxinoes,  
E onde tremeluzia a luz do sol nascente,  
Como a gloria que doura o sorriso aos heroes;  
A minha mocidade esplendorosa, ardente,  
Mais viva que o lampejo aereo das espadas,  
Mais alegre que um rei e que um festim de noivos,  
Eil-a morta no chão com as traças douradas,  
Ensogadas em sangue e cobertas de goivos!  
Os meus sonhos ideaes, puros como camelias,  
Eu tenho-os visto ir morrendo e perpassando,  
Alycones de luz em vaporoso bando,  
Fantasmas juvenis, lacrimosas Ophelias,  
Branças aparições do adro d'um mosteiro,  
Pelos rios da noute a boiarem cantando  
Com as bocas de neve a canção do *Salgueiro*.

Mas o orgulho na dôr é o silencio profundo,  
—A profunda mudez—  
E a minha dôr cruel eu não a conto ao mundo,  
Porque a não contaria á minha mãe talvez!

Lisboa GUERRA JUNQUEIRO.

**A UM ARTISTA**

Quando soltas o oceano de harmonia,  
Que nessas quatro cordas tens suspenso,  
Desperta dentro em mim um mundo immenso,  
Que me deslumbra a doida fantasia:

Vejo surgir olimpicos castellos  
Com torres fugitivas, luminosas,  
Ouço os gritos terriveis dos Othelos  
E as canções das Ofélias vaporosas.

Vejo expirar cantando as Traviatas,  
Vejo os Romeus na scena do balcão...  
E escuto ao longe as languidas volatas  
Da guitarra febril de D. João.

Passam por mim as sombras dos heroes  
E o turbilhão das lividas chiméras...  
Sinto rugir as lubricas pantheras  
E soluçar na brenha os rouxinoes.

Dos lírios brancos no amoroso leito  
Sonham de amor as lucidas abelhas,  
E a flôr do coração dentro em meu peito  
Abre ao luar as petalas vermelhas.

Lisboa. Guerra Junqueiro.

2

I ANNO 45 D'ABRIL NUMERO 4

**A MULHER**

REDACTORES  
XAVIER DE CARVALHO—XAVIER DE ALMEIDA

PROPRIETARIO: F. MARIA

CONFISSÕES  
A. LUIZ DE CAMPOS.

Eu tambem sei, tambem o que é o soffrimento,  
Profundo como o abystno incognito do mar;  
Eu sei o que é a dôr, sei o que é o tormento  
Do rugir da agonia e não poder chorar.  
O' dôr, ó velho abutre enorme e famulento  
Que nasceste com nosco e não morrerás nunca,  
Eu conheço-te bem, abutre ensanguentado,  
O teu bico de bronze e a tua garra adunca,  
Que no meu coração tens tanta vez cravado!  
Como o vento que chora em noites tenebrosas.  
Quando o rei Lear anda incerto e desgrenhado,  
Como choram na praia as ondas monstruosas,  
A rollar, a estourar n'um continuo vai-vem  
Como o exilado chora em pé no tombadilho,  
Como choram os paes sobre o caixão de um filho;  
Tambem, meu Deus, chorado assim tenho tambem!

Eu sei o que é andar n'esta prisão da vida  
Em convulsões febris, como um leão numida  
Dentro da jaula; eu sei o que é tombar desfeito,  
Sentindo um coração maior do que o meu peito  
A crescer, a bater com furia, com ardor,  
Rio desordenado a transbordar do leito,  
Mas um rio de morte e lagrimas, Senhor!  
Eu já tenho vertido o pranto que retalha,  
O pranto que calcina as hossas illusões,  
Como o bronze inflamado a correr da fornalha,  
Como a lava a correr das bocas dos vulcões.  
Quantas vezes, meu Deus, á noite não succumbo,  
Vendo prostrado em terra o meu ardor leonino,  
E a vida me parece um feretro de chumbo  
E eu uma sombra vã, sem rumo e sem destino,  
A marchar, a marchar pelo negro horizonte,  
Sem ter como Jesus onde encostar a fronte,  
Sem um olhar qualquer d'uma existencia pura,  
Sem um riso que brihe, um astro que desponte  
Na profunda mudez da minha noute escura!  
As chimeras de abril, ó pallido romantico,  
Tenho-as visto cahir desfeitas uma a uma  
Como cahem, bramindo, os vagalhões do Atlantico

desviam-se p tam-se novas raças, pelos Vogt, de Bou animal do ho na physica, ni na arte, desl frontes de pl lismo; na bic que enormes todos! O molde via vagamen conhou mais havia de aive como diz um tar no horiso que os espiri cidem e guie lhar, para se; competo a q a inspiradora masculinos. Michelet. Paulo Janet e des Femmes; todas as sua mulher, e pa estorpos qua conta os rai conta as est mento de lor A culpa inteiramente tar; temos si dado á mulh das, um do que vae este junctar a fa pensado na r ral, por assi um olhar de do amigo qu E' preci te em bases phico; arran

## JUNQUEIRO, POETA ROMÂNTICO (1)

É o *eu-lírico* de Junqueiro que mais cedo salta para as páginas da imprensa periódica, em 1868, no jornal de Coimbra *A Folha*, dirigido por João Penha.

Ainda estudante na Universidade, Junqueiro evoca Almeida Garrett em “Amores”, refletindo a influência da *terceira geração* do romantismo português no ambiente cultural.

A partir daí, a sua poesia passa a ser requisitada pelos editores dos principais periódicos.

1. “Amores”  
*A Folha : microcosmo litterario*  
N.º 2, 1868, p. 16
2. “A Um Artista”  
*A Renascença*  
N.º 5-6-7, Mai.-Jun.-Jul. 1878, p. 103
3. “Visita à Floresta”  
*Occidente*  
N.º 2, 15 Jan. 1878, p. 10-11
4. “Confissões”  
*A Mulher*  
N.º 1, 15 Abr. 1879, p. 31